



SD2021

VIII SIMPÓSIO DE DESIGN SUSTENTÁVEL
SUSTAINABLE DESIGN SYMPOSIUM



1, 2 E 3 DE DEZEMBRO DE 2021
DECEMBER, 1st, 2nd and 3rd, 2021
ONLINE | CURITIBA, BRASIL

SDS2021.UFPR.BR

NOVOS PARADIGMAS NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

NEW PARADIGMS IN CONTEMPORARY DESIGN

MÔNICA CRISTINA DE MOURA, Doutora | UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as interrelações entre o design contemporâneo e o design para sustentabilidade estabelecendo diálogos e inferências sobre os novos paradigmas e a discussão a respeito dos níveis mais complexos e sistêmicos a partir das possibilidades apresentadas no design de transições cujos estudos e pesquisas tem se desenvolvido no Estados Unidos e Finlândia e, mais recentemente no Brasil, e às quais temos nos dedicado no Laboratório de Pesquisa em Design Contemporâneo (LabDesign/FAAC/UNESP) e no desenvolvimento da tese de doutoramento de Iana Uliana Perez (UNESP), considerando que, para atingir transições sistêmicas, o próprio design precisa passar por uma transformação radical, rompendo com suas raízes modernas e aproximando-se de outros campos de conhecimento e áreas, tais como o design contemporâneo que, tem entre suas principais características, a ruptura com os padrões racionalistas e funcionalistas, a crítica perante a industrialização, a produção massiva, o consumismo exacerbado e aos desequilíbrios econômico, sócio-político, ambiental e cultural, adotando visões relacionadas à política e responsabilidade social, a equidade, ao ativismo e agindo em prol da inclusão e da participação dos comuns estimulando a autonomia e cidadania em busca do Bem Viver. O método adotado envolve abordagem qualitativa e revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Novos paradigmas; Design Contemporâneo; Sustentabilidade; Design de transição; Bem viver.

ABSTRACT

This article reflects on the interrelationships between contemporary design and design for sustainability, establishing dialogues and inferences about new paradigms and discussion about the more complex and systemic levels from the possibilities presented in the transition design, whose studies and research has been developed in the United States and Finland and, more recently in Brazil, and to which we have been dedicated in the Contemporary Design Research Laboratory (LabDesign/FAAC/UNESP) and in the development of the doctoral thesis by Iana Uliana Perez (UNESP), considering that, in order to achieve systemic transitions, design itself needs to undergo a radical transformation, breaking with its modern roots and approaching other fields of knowledge and areas, such as contemporary design, which has among its main characteristics, the rupture with rationalist and functionalist standards, criticism of industrialization, production massive, exacerbated consumerism and economic, socio-political, environmental and cultural imbalances, adopting views related to politics and social responsibility, equity, activism and acting for the inclusion and participation of the commons, stimulating autonomy and citizenship in pursuit of well live. The method adopted involves a qualitative approach and literature review.

KEY WORDS

New paradigms; Contemporary Design; Sustainability; Transition design; Good living.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos de 1950 até os anos já vividos do século XXI, temos enfrentado diversas crises e, atualmente, a da pandemia Covid-19. Essas crises, muitas vezes, se estabelecem de forma abrupta ou em processos gradativos, muitas vezes silenciosos e, mesmo, até determinadas atitudes e reações que nos parecem repentinas são o resultado de um somatório de ações, que se fazem presentes resultando em intensas mudanças entendidas como fenômenos amplos e, que ocorrem em todos os âmbitos e atingem as diferentes formas de vida, incluindo-se os seres humanos. Essas mudanças sociais incorporam as mudanças culturais, tecnológicas e, também, as econômicas e políticas, mesmo que estas não sejam percebidas claramente ou tão diretamente nos modos de vida, mas são subjacentes às alterações na forma de viver e estar em um determinado tempo.

Desta forma, alteram nossa maneira de viver, as atitudes e os comportamentos, os meios e sistemas de informação, comunicação e relacionamento, os processos e sistemas tecnológicos, a relação com a vida, com o ambiente, com o corpo, bem como com a dinâmica da criação e expressão, da projeção e produção que ocorreram em vários campos do conhecimento humano e, sendo vivenciadas no campo do design, exigem a reflexão e a pesquisa para as possibilidades de constituição de prospecções e cenários futuros que nos exigem explorar os paradigmas.

Na filosofia grega do período socrático o significado de paradigma era associado a modelos ou exemplos. A partir da década de 60 no campo das ciências da natureza, Thomas Kuhn (2020) define o paradigma como uma estrutura com modelos, padrões e formatos específicos. Posteriormente, o relaciona a matriz disciplinar e a noção de exemplar e, nesse sentido, paradigma é aquele que resolve os problemas propostos e permite pesquisas subsequentes. Já Edgar Morin em suas publicações sobre o método (1991, 2003) indica o paradigma como a organização das ideias determinadas pela associação, eliminação e seleção governando o pensamento individual e o sistema das ideias e explorando a diversidade de abordagens culturais, artísticas e científicas, rompendo com as barreiras disciplinares e levando ao desenvolvimento do pensamento complexo e a ruptura com o isolamento e os limites entre as disciplinas. Dessa forma, explorando a circulação de conceitos, hibridações, invasões, novas hipóteses, migrações interdisciplinares, objetos e projetos “inter-poli-transdisciplinares”. No pensamento complexo Morin (2003) indica que a realidade é irracional e que a missão da racionalidade é dialogar com o irracional. Sob essa visão, os paradigmas são o princípio da consciência e do pensamento que determinam nossa visão do mundo e das coisas, mesmo que não sejam concretizadas.

A reflexão que venho propor ao diálogo rompe com as estruturas, padrões e modelos impostos, como encontrados em Kuhn (1979, 2020) e vai de encontro ao conceito da complexidade de Morin (2003) explorando visões mais amplas e flexíveis a respeito dos novos paradigmas a partir do design contemporâneo.

2. DESIGN CONTEMPORÂNEO

Para a compreensão do design contemporâneo é importante fazer uma breve retomada histórica a fim de entender o presente e inferir a respeito do futuro e os novos paradigmas que nos envolvem.

As mudanças estabelecidas a partir do pós Segunda Guerra Mundial, tais como o estreitamento do tempo e espaço; a valorização das pequenas narrativas, algumas delas, fragmentadas; os discursos questionadores e muitas vezes ambíguos; a valorização da postura marginal, das periferias, das manifestações populares, das culturas locais; o questionamento e ruptura com os sistemas de mercado e o descrédito às instituições em geral e, aos dispositivos de poder, apontam novas vertentes no campo do design prenunciando a contemporaneidade.

Nesse sentido, adquirem relevância as intervenções urbanas, os happenings, as instalações e as exposições. A valorização do processo em oposição ao método, da autoria individual e coletiva em oposição à invisibilidade do designer. A multiplicidade dos sujeitos, ambientes, cidades e entornos. A atuação com a multifuncionalidade, flexibilidade, ambientes reversíveis, poéticas, experimentações, fusões e hibridismo. A conscientização da importância

dos aspectos emocionais, simbólicos à incorporação da ironia, da diversão e do lúdico presentes nos artefatos, na comunicação e nos ambientes. A preocupação com o natural e artificial. Os diálogos e aproximações com a arte, o artesanato, a moda e a arquitetura, entre outras áreas do conhecimento.

O chamado Movimento Contemporâneo é constituído no Reino Unido, entre 1945 e 1960, indicando os novos tempos e ares do pós-guerra, proposta divulgada no Festival da Grã-Bretanha realizado em 1951 que envolveu vários segmentos do design (gráfico, produto, têxtil, sinalização, mobiliário, entre outros) e também as artes, arquitetura e moda, com o objetivo de reformular a identidade nacional, reconstruir o país, estimular o setor industrial, produtivo e comercial e, a partir disto, regenerar distritos (gentrificação), realizar feiras, concursos, exposições e inaugurações de novos bairros, edifícios e monumentos. Podemos ver aí uma primeira semente do design contemporâneo a partir da integração dos segmentos do design e de outras áreas de atuação importantes para a reconstrução de um país.

Mas, de fato, o princípio e o protagonismo do design contemporâneo ocorrem a partir do movimento italiano dos Grupos Design Radical e Antidesign, entre 1963 e 1988, que se constituíram como coletivos ou cooperativas, com atuação interdisciplinar (Grupo Strum, Studio 65, Archizoom, Superstudio, UFO, Grupo 9999, Cavart, Lididarch, Global Tools, Studio Alchimia, Memphis). Esses grupos de profissionais advindos do design, da arte e da arquitetura se associaram em busca de novas propostas e perspectivas para a área do design. Questionavam e rompiam com o ideário moderno, criticavam o racionalismo e o funcionalismo, o chamado “bom gosto” e o “bom design”, o consumismo e as questões puramente mercantilistas. Levavam em consideração as múltiplas características dos sujeitos, dos ambientes e das cidades. Buscavam caminhos alternativos por vias mais poéticas e imaginativas em produções independentes. Esses grupos, em sua maioria, se consideravam transitórios e efêmeros (com exceção do Studio 65, atuante até hoje). Apesar de sua efemeridade, marcaram a história do design e influenciaram muitas gerações seguintes. Até hoje, as repercussões desse grupo animam jovens profissionais diante das diretrizes rígidas impostas pelo mercado, pela indústria e pelo marketing dominante. Deixaram como principal legado a ideia de que a reflexão, teorização, criação e a colaboração podem reverter qualquer mentalidade dominante. O grupo Memphis, principalmente, foi referência para os designers que adentraram o universo da crítica teórica, tal como o arquiteto e designer Andrea Branzi (*1938-).

Outro impulso ao design contemporâneo ocorreu a partir da década de 1990, com as produções advindas dos estúdios Droog Design (1990, Amsterdã), JAM Design & Communications Ltd (1995, Londres) e Snowcrash (1997-2003, Finlândia). O estúdio JAM explorava a reciclagem de produtos industriais, atribuindo novos usos e finalidades, tendo a preocupação ambiental em foco. Droog Design sob o ideário da cultura underground e no formato de associação coletiva tinha como proposta promover e difundir o trabalho de jovens designers a partir da criação e produção de objetos essenciais, muitos deles recontextualizados e ressignificados, produzidos com materiais considerados pobres ou readaptados, sem decorativismos e associando a alta e baixa tecnologia. O Snowcrash foi formado por designers e arquitetos com a proposta de romper com os estereótipos do design nórdico, ligado apenas ao móvel de contra chapa de madeira moldada e mostrar a realização de produtos vanguardistas, variados e inovadores, em sintonia com o espírito de rede.

No Brasil, podemos demarcar como o princípio do design contemporâneo o final da década de 1980 em decorrência de três fatores principais: a entrada da internet no país (1988), a exposição Desconfortáveis (1989) e a Poltrona Vermelha (1990) do Estúdio Campana. Mas a expansão do design contemporâneo se inicia na década de 1990, ganhando maior projeção a partir dos anos 2000.

O percurso histórico somado as análises e interpretações dos processos, projetos, produções e a constituição dos discursos nos levou a definição do Design Contemporâneo, sendo este, resultante da interpretação e tradução dos modos de existência e manifestações da atualidade, contemplando os aspectos sociopolíticos e culturais que são configurados, especialmente, em ações, intervenções, sistemas, bem como em objetos, informações, comunicação, nos âmbitos materiais ou imateriais, rompendo com os padrões modernos racionalistas e funcionalistas, com os pensamentos totalitários e em sintonia com a complexidade, subjetividade, sensibilidade e a diluição das fronteiras do

conhecimento. Temos aí a ruptura com o paradigma moderno, com a objetividade, determinação, hierarquia, centralização, segmentação e separação entre disciplinas e áreas.

A tradução do tempo atual existente no design contemporâneo envolve as mudanças nos hábitos e modos de vida (ser e estar no mundo), a partir de novos enfoques e características em projetos (diferentes escalas e finalidades), ações, sistemas, serviços, tendo como referência principal o sujeito, o indivíduo, o ser humano em suas sensibilidades e subjetividades. Portanto, atuar com o design contemporâneo significa estar diante das possibilidades e desafios de compreensão do ser humano em sua complexidade, da leitura e análise crítica deste tempo, das pessoas e de suas maneiras de estar no mundo, considerando suas expressões e ideais, dando voz às diversas sensibilidades e subjetividades diferenciadas (tanto do designer quanto do usuário), alterando métodos e expandindo percepções e diversidades. Em suma, o objetivo do design contemporâneo é explorar o universo do sensível no caminho para a ação política, social e cidadã a partir da conscientização das problemáticas atuais e do futuro próximo.

Por um lado, temos no design contemporâneo a fluidez ou o esfacelamento entre fronteiras dentro do próprio campo do design, em suas diversas áreas e segmentos, em um caminho que pode ser relacionado ao design total, ou seja, um pensamento global que integra os diversos segmentos do design a partir de propostas interdisciplinares. Por outro lado, se estabelece a constituição de novos territórios entre o design e diferentes áreas do conhecimento, tais como design e artesanato, arte, arquitetura, medicina, antropologia, sociologia, filosofia, entre outras áreas e a partir de propostas transdisciplinares e transversais.

Os campos de atuação do design contemporâneo são desenvolvidos a partir de novos enfoques, temas de urgência ou emergentes e, ainda, aqueles que são retomados e passam a ganhar nova interpretação e importância na sociedade contemporânea. Ocorrem nas esferas sócio-política e cultural, geralmente inter-relacionadas tanto entre estas esferas quanto entre os campos de atuação e tendo como foco o sujeito, o ser humano. Como exemplo, trago aqui alguns destes campos de atuação: design e política (ativismo, feminismo, corpo, fluidez e expansão de gêneros, não-binarismo, cidadania, emancipação, autonomia, populações em estado de vulnerabilidade, entre outros); design e sociedade / social (inclusão, participação, colaboração, envolvimento, alteridade, equidade, inovação social, responsabilidade social, comunidade, cidadania, populações em estado de vulnerabilidade, bem estar, qualidade de vida, Bem Viver, entre outros); design e (para) sustentabilidade (conscientização, educação, ecologia, alimentação, saúde, *upcycling*, sistema produto-serviço, transição, Bem Viver, entre outros); design e sensibilidades (memória, emoção, subjetividade, empatia, entre outros); design e tecnologias (*open design*, *open source*, assistivas, sociais, informação, mídias, interação, convergência, transmidialidades, entre outros).

O senso comum e as estratégias mercantilistas, especialmente as relacionadas ao espírito neoliberal, divulgam erroneamente que design contemporâneo envolve tudo que a área do design produz ocorre no agora. Porém essa é uma visão simplista e equivocada e, de certa forma, ocorre como apoio e incentivo ao consumo desenfreado. Devemos lembrar que o agora, o tempo presente, envolve manifestações e produções do ideário moderno que convivem com as manifestações e produções contemporâneas, tanto no campo do design como em outras áreas do conhecimento e da produção humana.

2.1. Premências à conscientização para atuação em design

Desde o final dos anos 1960, ocorrem discussões, publicações e manifestos no âmbito do design que questionam os modelos vigentes da produção industrial a partir da abordagem solidária, ética, social e sustentável.

Conforme Rodrigues (2020), o manifesto *First Things First* (1963) de Ken Garland; o “pensamento abrangente” de Buckminster Fuller (1969), as críticas à produção em massa supérflua e a agenda de tecnologias “alternativas” para o design de Victor Papanek (1971); os anais da Conferência *Design Participation* (1971) e do *Design for Need Symposium*

(1976) são considerados importantes marcos em torno da responsabilidade dos designers perante os graves problemas enfrentados na época.

Nigel Cross (1971) ressaltava a crescente insatisfação de muitas pessoas que não estavam mais dispostas a pagar o “preço do progresso” e que os profissionais de design de campos variados haviam falhado em não assumir a responsabilidade dos efeitos colaterais adversos e prejudiciais oriundos de seus projetos, e que esses não deveriam ser mais tolerados e considerados inevitáveis, caso quiséssemos sobreviver ao futuro. Christopher Cornford (1977) criticava a forma como designers empregavam seus talentos para criar e promover “mimos supérfluos” que desperdiçavam recursos não renováveis; poluindo as cidades e o campo; incentivando o consumo e a “busca de status”; “que alienavam o homem da natureza e o homem do homem”; e, de forma simultânea e inadvertida, permitiam que os excedentes desses “dispositivos” não fossem designados para ajudar a diminuir a miséria dos “desgraçados da terra” (CORNFORDE, 1977, p.7). Gui Bonsiepe (1985, 1992) destacava a urgente necessidade de pensar o design e a inovação tecnológica a partir da visão da “periferia”.

Nesta relação, devemos incluir no Brasil, Joaquim Redig (1977) que indicava e questionava a relação design-homem-sociedade, especialmente diante da pobreza do país, apontando que o equilíbrio social poderia se dar a partir da satisfação de necessidades materiais básicas, primárias. E Gustavo Amarante Bomfim (2003) afirmava que, se o objetivo último do design é o sujeito, o ensino e a pesquisa em design deveriam dar mais atenção “aos conhecimentos que se ocupam do ser, não apenas de sua dimensão fisiológica ou racional, mas do ser em sua integridade, composto de corpo, alma e espírito” (BOMFIM, 2003, p. 363).

Outros autores também se debruçam sobre esses aspectos em uma via muito mais humanitária. Victor Margolin (1980, 2016) tratou da questão social do design, suas mudanças e seus modelos. Krippendorff (2000), ao refletir sobre a atuação de designers na contemporaneidade, afirmava que o design já não se limita mais ao antigo conhecimento de criação de coisas (desenvolvimento de produtos), mas se tornou atividade qualificada a discutir, além dos problemas próprios do design, problemas de maior complexidade. Steven Heller e Veronique Vienne (2003), organizadores da publicação *Citizen Designer* que foi atualizada, ampliada e reeditada em 2017. Rachel Cooper (2005) aponta que, dos anos 1970 em diante, temas a respeito do design verde, consumidor verde, ecodesign e sustentabilidade, design responsável e design feminista ganharam projeção. Nos anos 1980 e 1990, prevaleceram questões relacionadas à ética e ao lucro com o consumo, investimento, produtos e serviços éticos e socialmente responsáveis, e ganharam destaque, no campo do design, a acessibilidade e a inclusão.

Portanto, desde a década de 1960 até o momento atual, designers têm sido convocados a repensar e a agir perante às necessidades e aos novos sentidos da existência humana e de outras formas de vida que habitam este planeta.

3. NOVAS PERSPECTIVAS DO DESIGN CONTEMPORÂNEO: TRANSIÇÃO PARA O BEM VIVER

Para Uribe Sánchez (2009) vivemos em um mundo de crises profundas e complexas, multidimensionais e multiculturais, que nos afeta, preocupa e envolve todos os aspectos e ambientes de nossa vida: política, economia, educação, saúde, alimentação, meio ambiente, trabalho, habitação. Diante desta realidade precisamos de maneiras diferentes de concepção e de pensamentos que nos ajudem a encontrar caminhos, possibilidades, novas perspectivas e, até, soluções.

A contemporaneidade é um tempo de contradições. De forma concomitante e em tensão, convivem visões e atitudes altamente contrastantes. Se, por um lado, persistem paradigmas problemáticos no que diz respeito à preservação socioambiental e cultural, à ética e à equidade, por outro são despertadas ou provocadas as convicções, os princípios e o pensamento questionador dos paradigmas vigentes, como o mecanicismo, o antropocentrismo, o modelo do desenvolvimento e o imperativo do progresso ligados à perspectiva de crescimento econômico infinito, acumulação de bens materiais e exploração da natureza e do ser humano. Assim, questões como preservação de recursos naturais, ética, democracia, cidadania, coletividade, ativismo, dentre outras relações que se movimentam por um viés

sociopolítico, se aprofundam a partir dos anos 2000 no sentido dos aspectos sociais e de suas ampliações. Desse modo, o cenário contemporâneo é marcado por uma multiplicidade de alternativas retratadas a partir de uma série de “nomenclaturas de apoio” em diferentes áreas do conhecimento: ecofeminismo, ecossocialismo, decrescimento, comuns, Bem Viver.

No design, também emergem múltiplas nomenclaturas que buscam resgatar as bases fundamentais do design relacionadas à sociedade, ao sujeito, ao bem-estar e à qualidade de vida. Aspectos estes amplificados a partir da abordagem decolonial e da transição para níveis mais complexos e abrangentes da sustentabilidade. Sabemos que, desde muito tempo, o design para sustentabilidade tem se expandido em diversas ações, ampliando seu escopo de atuação para além do nível dos produtos e até mesmo dos serviços. Contudo, de maneira geral, as abordagens de design para a sustentabilidade comumente pesquisadas e colocadas em prática ainda não são suficientes para promover a mudança necessária para enfrentar os diversos problemas socioambientais contemporâneos. Segundo Perez (2021):

Mais do que oferecer melhorias pontuais em ou por meio de produtos e serviços, os designers precisam contribuir para a promoção de mudanças radicais, no sentido de atacar a raiz dos problemas enfrentados. São necessárias transformações sistêmicas, com mudanças disruptivas no modelo de produção e consumo, assim como nos modos de pensar e de viver. Em suma, é necessária a transição para um novo sistema social, econômico e político (2021, no prelo).

Diante da atual crise civilizatória, o design contemporâneo se desdobra em diferentes ramos de pesquisa e ações para promover mudanças sistêmicas. Um desses ramos é o design de transições para a sustentabilidade, que tem sido desenvolvido sobretudo em países do Norte Global. O design de transições se apresenta como uma possibilidade para promover mudanças radicais e construir cenários futuros mais sustentáveis. Terry Irwin (2015) cunhou o termo *transition design* e os estudos têm se expandido a partir de pesquisas desenvolvidas especialmente nos Estados Unidos e na Finlândia. Por isso, necessita ser adaptado e adequado às diversas realidades do Sul Global a partir da abordagem do design decolonial, avesso às perspectivas modernas ainda vigentes em muitas abordagens e à importação de teorias e práticas de design não acompanhadas de uma reflexão crítica sobre sua adequação ao contexto, aos saberes, às práticas e às necessidades locais. Segundo Irwin (2015) o design de transições tem como resultado não apenas uma visão de longo prazo, como também soluções de curto e médio prazo inspiradas pelos cenários futuros desenvolvidos. Isso permite formular estratégias para a concretização da visão de longo prazo a partir de alterações disruptivas nos sistemas que sustentam a sociedade.

Sendo um dos caminhos o Bem Viver que é um modo de ver a vida e nossa relação com o outro: o ser humano, a comunidade, outros seres vivos, a natureza como um todo e constituindo-se como uma alternativa ao paradigma de desenvolvimento promovendo a autonomia e a interexistência do diferente, combinando saberes e práticas dos povos originários, da ancestralidade, com aqueles da contemporaneidade, estimulando o repensar do nosso modo de atuar (e de viver) no mundo, promovendo a vida em harmonia com a natureza e a comunidade, constituindo uma nova ética e uma economia do cuidado.

Uma das alternativas possíveis para a construção de cenários disruptivos, decoloniais e sociobiocêntricos é o Bem Viver, cosmovisão indígena de origem andina que é plural e diversa, assumindo diferentes formas em cada cultura, refletindo sua perspectiva do que é uma vida boa. Por exemplo, temos o *nhandereko* e *teko porã* no Brasil (povos guaranis), o *ubuntu* na África do Sul e o *swaraj* na Índia. Perez (2021) aponta que o Bem Viver é um modo de ver a vida e a nossa relação com o outro: o ser humano, a comunidade, outros seres vivos, a natureza como um todo. O Bem Viver, também, uma alternativa ao paradigma de desenvolvimento promovendo a autonomia e a interexistência do diferente. Ele propõe a combinação de saberes e práticas dos povos originários, da ancestralidade, com aqueles da contemporaneidade, estimulando o repensar do nosso modo de atuar (e de viver) no mundo, promovendo a vida em harmonia com a natureza e a comunidade, constituindo uma nova ética e uma economia do cuidado. Neste último aspecto, se aproxima das propostas do ecofeminismo.

Ao adotar uma perspectiva decolonial, o design deve se relacionar às lutas ontológicas travadas por comunidades e movimentos sociais em defesa de seus territórios e “mundos da vida”, ou seja, suas realidades pré-teóricas e pré-reflexivas. O que significa reorientar o design a partir de mudanças do pensamento, da práxis, de suas abordagens e ferramentas, explorando a transdisciplinaridade, adotando questões como o codesign e a participação de designers difusos (MANZINI, 2015) e se associando a lideranças locais.

Perez (2021) também indica que para promover transições sistêmicas, portanto, o próprio design precisa passar por uma transformação radical, rompendo com suas raízes modernas e aproximando-se de outras áreas teóricas e práticas, tais como o design contemporâneo. O design também precisa avançar do projeto e promoção de novos produtos e serviços ao projeto de um novo sistema sociocultural, econômico e político, promovendo a conscientização necessária para tornar possível a transição para uma nova civilização onde haja justiça ambiental e social, na qual o design não precisará mais de tantas nomenclaturas e designações para explicar o seu papel e sua importância no cenário político, social e humanista.

As mudanças de comportamentos e paradigmas decorrem das novas composições presentes na realidade atual e propõe ao design visões e atitudes de mudança na sociedade, direcionadas a ouvir e destacar as necessidades de camadas e grupos sociais negligenciados dentro do sistema corrente pautado no desenvolvimento do capital e de suas relações. Os grupos vulnerabilizados, sempre em posições desprivilegiadas, emergem no centro da discussão do design contemporâneo pelo viés social, responsável, inclusivo, acessível e voltado ao coletivo, à cidadania, à valorização de direitos básicos, de acessos e oportunidades, convocando o design a pensar e a atender as complexidades existentes por meio da análise e crítica desta realidade. Ou seja, o design deve retornar aos seus princípios basilares – a relação com o ser humano e a proposição de melhorias para a vida, incluindo o humanismo que leva em consideração as possibilidades e as limitações dos sujeitos, em colaboração com o atendimento das necessidades prementes com foco e cuidado para com as pessoas e a coletividade, envolvendo ética, respeito, empatia e explorando o universo do sensível, da partilha em busca de uma sociedade, pelo menos, um pouco mais justa e equilibrada.

4. NOVOS PARADIGMAS DO DESIGN CONTEMPORÂNEO

Podemos inferir que os novos paradigmas do design contemporâneo envolvem a visão socio biocêntrica que considera todas as formas de vida e seres vivos existentes na natureza.

Explorar e colaborar na criação de cenários de enfrentamentos às diversas crises e pandemias que ainda virão, atuando em sistemas de prevenção, de manutenção da saúde, de preservação da vida, na integração e conscientização do ambiente como espaço de vida. O cuidado para com os idosos, as crianças, as Pessoas com Deficiências, as populações em estado de rua, as pessoas em estado de refúgio, de vulnerabilidade(s).

A necessidade mais abrangente na adoção de atitudes relacionadas à sustentabilidade, à equidade, às questões ativistas, inclusivas e participativas. Atuação no desenvolvimento de novos tipos de energias renováveis.

O desenvolvimento e propagação de ações que explorem a conscientização da coletividade, da comunidade e da cidadania e a respeito da visão equivocada de progresso e desenvolvimento.

A atuação em prol das culturas locais, fortalecendo e reconhecendo as características e a importância do Sul Global, o que envolve registrar a história e as narrativas da diversidade dos conhecimentos e saberes dessa região, sua cultura e populações.

O estabelecimento da crítica mais determinada a respeito das produções e manifestações do design em seus diversos segmentos.

O exercício do respeito às mudanças dos modos de existência, dos comportamentos humanos e as transformações culturais, seja por meio da língua falada e escrita, dos novos valores e atitudes advindos do não binarismo, das questões raciais, entre outras.

Explorar as dinâmicas de novas percepções da realidade interagindo e promovendo novas relações de existência, os direitos individuais, o (re) estabelecimento da ética, de novas estéticas desvinculadas das questões econômicas e de poder.

Repensar e modificar os sistemas educacionais, os sistemas de trabalho e dos direitos humanos vigentes.

Valorizar o ser humano comum, a sensibilidade, a reciprocidade promovendo a autonomia e a construção de possíveis novos mundos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresentou as questões relacionadas ao design contemporâneo, seus princípios, definições, características, segmentos, campos de atuação e a abordagem do pensamento norteador que é constituído pela multiplicidade, metamorfose, complexidade, permutabilidade, onde os desafios e a inconstância da atualidade permitem leituras e aberturas a diversos percursos. Para compreender o tempo e a sociedade contemporânea temos de nos deslocar na história a fim de entender o que ocorre no hoje e, também, para poder observar melhor esta época, de forma a olhar e refletir mais cuidadosamente sobre o momento atual e estabelecer perspectivas, cenários, prospecções e os novos paradigmas.

A história nos comprova que as mudanças culturais, políticas, socioeconômicas e tecnológicas estabelecem outros processos, técnicas e materiais que, por sua vez, interferem e geram novos padrões de criação, de projeto, de produção, de relacionamento e comunicação, mas também nos leva a reconsiderar e a reintegrar aspectos e visões que foram propostas anteriormente como vanguarda e, apesar de serem fundamentais, não foram devidamente compreendidas, assimiladas e aplicados em sua época, tais como os prenúncios para a conscientização e atuação dos designers, que devem ser resgatados e aplicados na contemporaneidade pelo design. Um desses aspectos é o retorno a um dos princípios basilares do design que é sua relação com o sujeito, o ser humano, porém adaptado à nossa realidade que deve incluir também as outras formas de vida e de existência que compõem o local e o universo. Porém, temos de estar cientes que nos encontramos diante e, vivendo, uma das maiores crises civilizatórias da existência humana.

O contemporâneo é o resultado dessas e de outras séries de mudanças que reconfiguraram o mundo atual e o tempo no qual vivemos. Essas mudanças e as dinâmicas que as envolvem indicam uma questão premente que é a relação e a necessidade do desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o contemporâneo em sua complexidade, mesmo diante da esfera fugaz e da realidade fugidia. Fato que implica a observação e análise dos aspectos e características do contemporâneo, de forma a entender melhor este tempo e suas influências na vida e no design, , assim como observar como os aspectos da contemporaneidade interferem e impactam no modo de vida e no comportamento da sociedade e dos grupos sociais.

Os aspectos da contemporaneidade interferem e impactam no modo de vida e no comportamento da sociedade e dos grupos sociais. a aceleração, a não-solidez (as coisas sólidas tornam-se ruínas ou líquidas), as passagens, o novo e a novidade, o mega e o hiper, a fragmentação, a descentralização, os múltiplos caminhos. Há de tudo ao mesmo tempo e a principal característica é a falta de característica. Três questionamentos principais são adotados com relação ao contemporâneo: o tempo onde crescer é o dilema; o que fazer e como interpretar a imensidão de informações e a crise dos padrões civilizatórios. Nesse sentido, entre as novas perspectivas ou novos paradigmas do design contemporâneo encontram-se a questão do e do design para transições que se configuram como possibilidade para atingir níveis mais

abrangentes e amplos para o enfrentamento dos problemas políticos e socioambientais promovendo mudanças sistêmicas às diversas realidades, especialmente as do Sul Global.

A partir dessas questões como fundamentos de nossos estudos e pesquisas, inferimos sobre algumas possibilidades a respeito dos novos paradigmas do design contemporâneo que vão muito além do design e envolvem a complexidade e a transdisciplinaridade em rumo à construção de novos conhecimentos, pensamentos e ações destinados a reconstrução e reconfiguração de uma sociedade mais equitativa, mais inclusiva, mais humana e que saiba estabelecer a partilha do sensível.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Aguinaldo dos Santos, presidente da organização e a toda equipe nacional e internacional envolvida na realização do VIII Simpósio Design Sustentável + *Sustainable Design Symposium* –SDS 2021. Este artigo foi elaborado e desenvolvido a partir do convite para participar da mesa de abertura com a colega Professora Doutora Cláudia Zacar (UFPR). É com imenso prazer que venho participar apresentando este texto e dialogando com os pares sobre esta reflexão e sua relação com as diversas e amplas possibilidades do design contemporâneo, para a sustentabilidade e para a transição do Bem Viver.

Ao todos os membros do Laboratório e Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo pelo apoio, estudos, questionamentos e diálogos estabelecidos, além da parceria, a amizade e o companheirismo. Em especial a querida doutoranda Iana Uliana Perez pela abertura, apoio e por trazer as questões do design de transição e do Bem Viver para integrar as pesquisas do nosso grupo. (@labdesigncontemporaneo)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e Universal processo nº425482/2018-9.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BOMFIM, Gustavo Amarante. As possibilidades do design – entre utopias e realidades. In: **Anais (CD-Rom) do Simpósio do LARS [Laboratório de Representação Sensível]**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
- BONSIEPE, Gui. **El diseño de la Periferia**: Debates y experiencias (1st ed.). Barcelona, ES: Editorial Gustavo Gili, 1985.
- BONSIEPE, Gui. Design and Democracy. 2006. **Design Issues**, 22(2), 27–34. Obtido em: <https://doi.org/10.1162/desi.2006.22.2.27>
- BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. SP: Blucher, 2011
- BONSIEPE, Gui. **Teoria e prática do design industrial**: elementos para um manual crítico (1st ed.). Lisboa, PT: Centro Português de Design, 1992.
- BRANZI, Andrea. **Modernità debole e diffusa**: Il mondo del progetto all’inizio del XXI secolo. Milano: Skira Editore, 2006.
- BRANZI, Andrea. **Una generazione esagerata**: dai radicali italiani alla crisi della globalizzazione. Milano: Baldini & Castoldi Editori, 2014.
- CELASCHI, Flaviano. **Non industrial design**: contributi al discorso progettuale. Boca/ Novara: Luca Sossella Editore, 2016.
- CORNFORD, Christopher. Introduction. In: Bicknell, Julian & McQuiston, Liz (Eds.), **Design for Need** (pp. 7–8). London, UK: ICSID by Pergamon Press, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-021500-6.50006-9>.
- CROSS, Nigel. (Ed.) Design participation. In: **Proceedings of the Design Research Society's Conference DRS 1971** (1st ed.). London, UK: Academy Editions, 1972.
- DACOS, Marin. **Manifesto das Humanidades Digitais**. Disponível em: <https://tcp.hypotheses.org/497>. Acesso em 17 out. 2021.
- DESIGN FOR THE OTHER 90%. Disponível em: <https://www.designother90.org/>. Acesso em 15 out. 2021.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia del Design**. Milano: Bruno Mondadori, 2003.
- FULLER, Buckminster R. **Operating manual for spaceship earth**. New York, NY: Pocket Books, 1969.

- GARLAND, Ken. **First things first manifesto**. Obtido em: <http://www.kengarland.co.uk/KG-published-writing/firstthings-first/>. Acesso em: 20 maio. 2021.
- GUIMARÃES, Márcio J. Soares; Moura, Mônica C.; Domiciano, Cassia L. C. **Design Inclusivo na Contemporaneidade**: materiais para a educação da criança com deficiência visual. Cultura Acadêmica, SP, 2020.
- HELLER, Steven.; VIENNE, Vienne (Org.). **Citizen Designer**: Perspectives on Design Responsibility. Nova York: Allworth Press, 2003
- IRWIN, Terry. Transition design: A proposal for a new area of design practice, study, and research. *In: Design and Culture*, 7:2, pp. 229–246, 2015.
- KRIPPENDORFF, KLAUS. Design Centrado no Ser Humano: uma necessidade cultural. **Estudos em Design**, v. 8, n. 3, pp. 87-98, set. 2000.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.
- KUHN, Thomas S. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? *In: I. Lakatos & A. Musgrave (Eds.). A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. P. 5-32. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**: introduction to design for social innovation. London: The MIT Press, 2015.
- MARGOLIN, V. O Designer Cidadão. *In: Revista Design em Foco*, v. III n.2, jul/dez 2006. Salvador: EDUNEB, 2006, p. 145-150.
- MARGOLIN, V.O Design e a Situação Mundial. *In: Arcos*, número único, vol. 1, RJ, UERJ/Contra Capa, 1998, pp. 40-48.
- MARGOLIN, Victor., & Margolin, Sylvia. A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research, 2002. **Design Issues**, 18(4), 24–30.
- MELLO, P. Design **Contemporaneo mutazioni oggetti ambienti architettura**. Milão: Electa, 2008.
- MORIN, Edgar. **El método 6. Ética**, Madrid, Ediciones Cátedra, 2003.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- MOURA, Mônica. **Design Brasileiro Contemporâneo**: Reflexões. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- MOURA, Mônica. Design para o sensível: Políticas e Ação Social na Contemporaneidade (Inclusão e Inovação Social). **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 1, p. 44-67, 2018.
- MOURA, Mônica; PORTUGAL, Cristina; Rodrigues, Carlos Delano; GUIMARÃES, Márcio; NUNES, Valdirene Vieira; PEREZ, Iana Uliana; ROMANO, Raquel Bosso; TORRES, Maria Alice; MAGRO, José Carlos Jr. **Design Contemporâneo para Além do Design, o Humanismo**. Ensaios em Design. Bauru: Editora Canal 7, 2021. (No prelo).
- PAPANEK, Victor. **Arquitectura e Design. Ecología e Ética**. Edições 70. Lisboa: 2007.
- PAPANEK, Victor. **Design for the real world**: human ecology and social change. Illinois: Academy Chicago Publishers, 1971.
- PEREZ, Iana U. Design de Transições para a Sustentabilidade a Caminho de um Cenário Igualitário e Humanista *In: Ensaios em design: ensino, pesquisa e sociedade*. DOMICIANO, Cassia L. C. et all. Bauru: Canal 6, (no prelo).
- REDIG, Joaquim. **Sobre Desenho Industrial**. Rio de Janeiro: ESDI/UERJ, 1977.
- ROBERTS, Lucienne. **Good: ética en el diseño gráfico** (1st ed.). Barcelona, ES: Index Books, 2009.
- RODRIGUES, Carlos Delano. **O Design em Assembleias Projetuais: Desafios e alternativas para a sustentabilidade do projeto participado em bairros vulneráveis**. 2020, 514 f. Tese (Doutorado em Design) Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.
- RODRIGUES, Carlos Delano; Franzato, Carlo, & Almendra, Rita Assoreira. Design Social: Fundamentos, tendências e contribuições para transformação social em processos de microplanejamento. *In: Actas do 5o Encontro de Doutoramentos de Design* (pp. 214–221). Aveiro, PT: Universidade de Aveiro, 2016.
- TORRENT, Rosália; Marín, Juan Manoel. **Historia Del Diseño Industrial**. Madrid: Ed. Cátedra, 2005.